

SEMIÓTICA E CANÇÃO: DESVENDANDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Renata C. Mancini*

José Roberto do Carmo Jr.**

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

Quem de nós não dedicou algum momento de seu tempo para refletir sobre o que fala uma canção que nos é especial por alguma razão? As canções da MPB, com o viés poético que caracteriza suas letras e com sua força como expressão da cultura brasileira serão sempre objetos passíveis de interesse analítico. É esse interesse que Luiz Tatit teve a sensibilidade de explorar no livro *Análise semiótica através das letras*, em que apresenta de forma gradual os passos do exercício analítico propostos pela teoria semiótica de linha francesa, a partir das letras de canções consagradas da MPB.

Ao abordar letras de canções como *Saudosa maloca*, *Asa Branca*, *Travessia*, *Alegria*, *Oceano*, *Paciência*, entre outras, Tatit não só apresenta uma importante metodologia de análise de textos a quem tem na música popular seu objeto de estudo, mas também permite que aqueles que estejam buscando familiarizar-se com os conceitos da semiótica possam partir de um *corpus* “facilitador”, uma vez que a canção popular faz parte da vida das pessoas e, desse modo, sua escolha elimina qualquer etapa prévia de compreensão do texto. O autor acredita que a “metalinguagem descritiva tende a tornar-se mais clara e justificada, na medida em que surge de um contexto familiar de manifestação”. Vale ressaltar que esse não é um livro que trata de canções – entendidas como textos compostos por melodia e letra –, uma vez que trabalha apenas com o plano do conteúdo das letras, cuja escolha visa, como já dissemos, à criação de um contexto familiar para o leitor. O autor coloca claramente sua intenção de discutir apenas o plano do conteúdo desses textos e explica que “questões de ordem poética ou artística (...) desvirtuariam a finalidade do trabalho”.

A idéia é deixar as análises demonstrarem a pertinência da metalinguagem semiótica. “Tudo ocorre como se as noções técnicas surgissem das entranhas do *corpus*, atravessassem seus estratos de sentido e se projetassem a um quadro teórico que vai se constituindo gradativamente”.

A semiótica parte do pressuposto de que os *textos* verbais ou não verbais possuem uma lógica geral subjacente, o que quer dizer que, independentemente das características que individualizam um texto, há esquemas de organização comuns a todos eles. Esses conceitos são usados pelo semioticista como base de suas análises para que as diferentes estratégias utilizadas na construção de um texto sejam explicitadas. Em outras palavras, são as maneiras como esses conceitos se relacionam em um determinado texto que garantem sua individualidade, sua eficácia e é isso o que a análise semiótica procura explicitar.

Sabemos que em certos setores no meio acadêmico das ciências humanas a análise textual baseada em metodologias científicas formalizadas é vista com reservas. É bem conhecida a polêmica em torno do estruturalismo, e a semiótica greimasiana, herdeira direta das concepções estruturais, é por vezes tida como um procedimento excessivamente empobrecedor daquela riqueza do texto captada intuitivamente no ato de leitura. Na medida em que se baseia em recortes específicos ditados pelos modelos teóricos, toda análise textual que se pretenda científica pode ser considerada um procedimento redutor. No entanto, e apesar desse caráter redutor, não se pode negar que o *status* científico postulado pela semiótica possibilita análises que, por seguirem uma metodologia específica, são mais isentas de uma leitura eminentemente subjetiva. Ao identificar elementos comuns aos textos, a semiótica cria um elenco de conceitos aplicáveis, em princípio, a qualquer texto e, dessa forma, o foco da análise passa a ser *como* o texto constrói aquilo que diz. Assim, o viés científico apresenta uma beleza inusitada, reduzindo o teor opinativo das análises e permitindo que a *mensagem* do texto se mostre a despeito da opinião do analista. Ao se propor como um projeto científico, com conceitos e métodos explicitamente formulados, a semiótica de linha francesa alcança um rigor e uma isenção que ampliam as possibilidades da atividade analítica, não mais restrita a um fazer interpretativo ou parafrástico.

Na introdução de *Análise semiótica através das letras* o autor apresenta um breve histórico do desenvolvimento da teoria semiótica greimasiana para que o leitor não familiarizado tenha uma visão geral do universo teórico empregado nas análises. Mostra que a teoria semiótica baseia-se na idéia de um percurso gerativo formado por extratos de diferentes níveis de abstração responsáveis pela formação de sentido do texto. Descreve a evolução da teoria desde os seus primórdios: primeiro como projeto de uma sintaxe narrativa, passando pela discussão do universo passional que, mais recentemente, vem sendo tratado pela ótica da semiótica tensiva. Como explica Tatit, a semiótica francesa “tomou a

forma de estratos gerativos de sentido, partiu do núcleo da ação para o da paixão, adotou a tensividade como parâmetro para a análise do universo sensível e reuniu os primeiros critérios consistentes para uma descrição estética”.

Análise semiótica através das letras tem o grande mérito de se propor como uma obra intermediária entre a reflexão teórica e a aplicação prática dos conceitos estabelecidos pela semiótica. O autor reconhece que um dos motivos para uma teoria tão consistente de análise textual não ter o espaço merecido nas discussões acadêmicas é a escassez de bibliografia que vise a sua aplicação, o que faz com que alunos ou pessoas interessadas, em um primeiro momento, em utilizá-la como ferramenta de trabalho se vejam desencorajados pela grande lacuna existente entre a discussão teórica, fartamente contemplada pela literatura da área, e sua aplicação prática. “Apesar de toda [a] pujança no terreno científico e epistemológico, a semiótica continua distante da prática descritiva dos estudantes interessados em análise de textos, sejam estes verbais ou não-verbais... faltam obras “intermediárias” que estabeleçam uma ponte entre análises específicas de textos e reflexão teórica”.

Abreviar essa lacuna é a linha-mestra desse livro de Tatit. Até mesmo quando apresenta os procedimentos descritivos gerais, o autor se baseia na letra da canção *Roda Viva*, de Chico Buarque, para nos mostrar que o que se apresenta na superfície do texto, na verdade, pressupõe um arranjo complexo “de funções sintáticas que sustenta esses efeitos de sentido terminais”.

É um livro ágil e instrutivo, escrito por um dos grandes nomes da análise semiótica de linha francesa no país. Além de seu trajeto como compositor e intérprete, Luiz Tatit desempenha um papel inegavelmente importante no desenvolvimento de um tratamento mais rigoroso das discussões acadêmicas sobre a canção brasileira. É o autor de importantes obras como *O cancionista*, *Musicando a semiótica* e *Semiótica da canção*, em que desenvolve uma teoria para a análise da canção que contempla paralelamente melodia e letra. Para aqueles que se interessam pela canção, talvez a incursão por essas outras leituras parecerá natural, após a leitura desse livro. De qualquer forma, para todos os interessados em análise textual ou para aqueles que já tiveram contato com a teoria semiótica e não dominam ainda a sua prática, *Análise semiótica através das letras* é uma leitura essencial.

Notas

* Doutoranda em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP e bolsista do CNPq.

** Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP e bolsista da Capes.